

A NATUREZA CONTEMPLATIVA DO PRIMEIRO MOTOR

Aluno: Carlos Eduardo da Silva Rocha

Orientado: Danilo Marcondes de Souza Filho

Introdução

Em sua *Metafísica*¹, Aristóteles desenvolveu a teoria de um “Princípio Primeiro” que seria a causa da continuidade movimento-temporal. Este Princípio, em ordem de ser a causa da eternidade do tempo e do movimento necessariamente teria que ser Eterno, Imóvel, Imaterial e puro Ato, e sua vida seria a “Vida” em seu sentido absoluto, pois ele se encontraria constantemente na atividade que para o homem só é cedida por breves momentos, isto é, a atividade da contínua contemplação. No entanto, o que Primeiro Motor contempla continuamente? Ora, o Princípio primeiro que é causa da eternidade do tempo e do movimento, só pode contemplar aquilo que há de mais perfeito para ser contemplado, ou seja, a Si mesmo. Eis a passagem da *metafísica* na qual o Estagirita expõe a atividade de contemplação do Motor Imóvel:²

“Ora, o pensamento que é pensamento por si, tem como objeto o que por si é mais excelente, e o pensamento que é assim maximamente tem como objetivo o que é excelente em máximo grau. A inteligência pensa a si mesma, captando-se como inteligível: de fato, ela é inteligível ao intuir e ao pensar a si mesma, de modo a coincidirem inteligência e inteligível. A inteligência é, com efeito, o que é capaz de captar o inteligível e a substância e é em ato quando os possui. Portanto, muito mais do que aquela capacidade, o que de divino há na inteligência é essa posse; e a atividade contemplativa é o que de mais prazeroso e mais excelente.”

Nesta passagem, fica claro que Aristóteles concebe a natureza contemplativa do Primeiro Motor como atividade de perfeição em seu mais alto grau, pois ao contemplar o que há de mais perfeito o Motor Imóvel contempla a Si mesmo, e ao fazer isso a Inteligência Divina se mostra como *nóesis noéseos*, isto é, “pensamento de pensamento”. Comentadores tradicionais da obra de Aristóteles como David Ross atribuem essa atividade contemplativa perfeita do

¹ *Metafísica*, Λ 7 1072 b 13-30.

² *Metafísica*, Λ 7 1072 β 18–24.

Primeiro Motor a Sua natureza Formal, ou seja, de pura essência, já para o homem a contemplação contínua é impossível, pois a contemplação do homem está presa aos seus sentidos, isto é, presa à sua natureza material. Nas palavras do próprio Ross esta questão se torna mais clara³:

Now knowledge, when not dependent, as in man, on sense and imagination, must be of that which is the best; and that which is the best is God. The object of His knowledge is therefore Himself.

Nesta passagem fica óbvio que Ross atribui o fato do objeto de contemplação do Primeiro Motor ser Ele mesmo a sua natureza essencial, o que faz de sua atividade contemplativa a mais perfeita. Richard Norman em seu artigo *Aristotle's Philosopher-God* resume esta interpretação de Ross no seguinte esquema silogístico⁴: Se A pensa B e B é A, portanto A pensa A. Norman se refere a este esquema como “Prova Silogística” (*Syllogistic Proof*). No entanto, Norman em seu artigo sugere que Aristóteles não usou Prova Silogística alguma em sua teoria acerca da atividade contemplativa do Motor Imóvel e que a interpretação de Ross, bem como a de outros comentadores tradicionais da obra do filósofo, é na verdade uma má interpretação do que Aristóteles tinha em mente, pois a interpretação tradicional, segundo Norman, mostra o Motor Imóvel como uma espécie de “Narciso Celestial” que ao não encontrar nenhum objeto que se iguale a Sua própria Perfeição assume uma postura de “auto-admiração”.

Norman atribui este equívoco do comentário tradicional da obra de Aristóteles a má interpretação do que o filósofo quis dizer com a afirmação de que o Motor Imóvel “pensa a Si mesmo”. Em seu artigo, Richard Norman apresenta uma nova interpretação para a concepção contemplativa do Primeiro Motor desafiando a interpretação dos comentadores tradicionais da obra do Estagirita oferecendo um novo olhar sobre a teoria teológica de Aristóteles, assim como uma nova interpretação para o que o filósofo concebia por “Pensamento de Pensamento”.

Para fundamentar sua tese, Norman se apóia nos textos do quarto capítulo do livro III do *De Anima* especificamente na “teoria dos dois modos de pensar” e nos capítulos sete e nove do livro A da *Metafísica* oferecendo uma nova abordagem da teologia aristotélica afastando-se da concepção tradicional do Deus Auto-Contemplador.

³ David Ross, *Aristotle*, pág. 187.

⁴ Richard Norman, *Aristotle's Philosopher-God*, In: *Articles on Aristotle 4: Psychology & Aesthetics* pág. 64.

O intelecto pensante: A teorias dos dois modos de pensar

No quarto capítulo do livro III do *De Anima*, Aristóteles começa sua investigação acerca da alma pensante. O filósofo busca compreender⁵ a parte da alma pela qual ela conhece e pensa, examinando como ocorre a maneira de pensar. O Estagirita compara o intelecto com a percepção, dizendo, como lembra Norman⁶, que se o pensamento é análogo à percepção ele deve ser afetado pelo inteligível ou algo deste tipo. A seguinte passagem do *De Anima*⁷ expõe claramente a comparação que o filósofo faz entre o intelecto e a percepção.

“Ora, se o pensar é como o perceber, ele seria ou um certo modo de ser afetado pelo inteligível ou alguma outra coisa desse tipo. É preciso então que esta parte da alma seja impassível, e que seja capaz de receber a forma e seja em potência tal qual mas não o próprio objeto; e que, assim como o perceptivo está para os objetos perceptíveis, do mesmo modo o intelecto está para os inteligíveis. (...) Logo, o assim chamado intelecto da alma (e chamo de intelecto isto pelo qual a alma raciocina e supõe) não é atividade nenhum dos seres antes de pensar. Por isso, é razoável que tampouco ele seja misturado ao corpo, do contrário se tornaria alguma qualidade _ frio ou quente_ e haveria um órgão, tal como há para parte perceptiva, mas efetivamente não há nenhum órgão.”

Esta passagem mostra como Aristóteles ao comparar o intelecto com a percepção difere o primeiro do segundo, pois o intelecto recebe a forma e por isso não se mistura ao corpo, isto é, o intelecto é *apathés*, impassível, ou seja, não afetado pelos sentidos, pertencendo à parte racional da alma, enquanto a percepção pertence à esfera sensível da alma, pois esta depende dos órgãos dos sentidos. Porém, embora diversos, o intelecto e a percepção são análogos. No entanto, em seu comentário ao *De Anima*, Maria Cecília Gomes dos Reis⁸ lembra que esta analogia tem que ser levada com cautela, pois como o intelecto não tem órgão físico, o objeto inteligível, de certa maneira, se encontra na própria alma, por isso a análise paralela do intelecto e dos sentidos é imperfeita.

Norman lembra que o intelecto não tem natureza positiva própria sendo pura potência, não tendo ele mesmo nada em comum, em si mesmo, com as formas que são o seu objeto, porém é potencialmente igual a elas, ou seja, quando o intelecto pensa, ele recebe as formas agindo como um receptáculo para elas. Segundo Norman, após diferenciar a alma da

⁵ *De Anima III*, 4, 429a 10-12.

⁶ Richard Norman, *Aristotle's Philosopher-God*, In: *Articles on Aristotle 4: Psychology & Aesthetics* pág. 65.

⁷ *De Anima III*, 4, 429a 13-29.

⁸ Maria C. G. dos Reis, notas ao livro III cap. 4 In: *De Anima*, pág. 295.

percepção Aristóteles chega a outro ponto importante, a capacidade do intelecto “pensar a si próprio”, como mostra a seguinte passagem do *De Anima*:⁹

“Assim quando o intelecto se torna cada um dos objetos inteligíveis no sentido em que se diz que daquele que tem a ciência em ato (e isso ocorre quando ele pode atuar por si mesmo) ainda nesta circunstância o intelecto está de certo em potência, embora não como antes de aprender ou descobrir, e agora ele mesmo é capaz de pensar a si próprio.”

Para Norman, nesta passagem Aristóteles mostra a mais importante idéia deste capítulo, isto é, a “teoria dos dois modos de pensar” (*theory of the two sorts of thinking*). Na primeira maneira de pensar, o intelecto recebe as formas e sendo mera potencialidade é atualizado por elas. Na segunda, após ter sido atualizado pelas formas, o intelecto pode agora pensar *autos de hauton*, isto é, pode pensar a si mesmo. Norman aponta que esta segunda maneira de pensar, ao contrário do que dizem os comentadores tradicionais, é uma forma de autoconhecimento, pois o intelecto pensa a si mesmo devido às formas que o atualizaram na primeira forma de pensar. Na primeira maneira de pensar o intelecto depende de algo externo, ou seja, é necessário que seja afetado pelo objeto do pensamento, enquanto que na segunda o intelecto é auto-suficiente, pois ele se tornou idêntico as formas que recebe, podendo, portanto, pensar a si mesmo.

Norman lembra¹⁰ que Aristóteles examina duas dificuldades¹¹ quanto à teoria das duas maneiras de pensar: na primeira dificuldade, o filósofo aponta que pensar algo é experimentar algo, no entanto, como o intelecto pode experimentar algo se ele é incapaz de ser afetado? O filósofo resolve esta questão apontando a maneira especial que o intelecto tem de experimentar ou de ser afetado, ou seja, a capacidade de apreender as formas e de ser tornar idêntico a elas. A outra dificuldade examinada pelo Estagirita é como o intelecto pode pensar a si mesmo? Isto é respondido pelo fato de que no caso das coisas sem matéria aquilo que pensa e aquilo que é pensado são o mesmo, já que conhecimento teórico é igual àquilo que é conhecido de forma teórica. No entanto qual o objeto que o intelecto pensa de forma teórica? Nas palavras de Richard Norman¹² esta questão se torna mais clara:

“Obviously they cannot be any visual entities in the external world. Therefore they must be invisible, purely mental entities _ abstract matterless objects of form. Where and what are

⁹ *De Anima* III, 4, 429b 17-18.

¹⁰ Richard Norman, *Aristotle's Philosopher-God*, In: *Articles on Aristotle 4: Psychology & Aesthetics* pág. 66.

¹¹ *De Anima* III, 4, 429b22-430a9.

¹² Richard Norman, *Aristotle's Philosopher-God*, In: *Articles on Aristotle 4: Psychology & Aesthetics* págs. 66-67.

these objects of thought? They are in the mind, of course, in fact they must be that mental stuff of which the mind is composed. If, in this abstract thinking, mind thinks nothing outside itself, it must think itself.”

Nas palavras de Norman fica claro que o objeto do pensamento do intelecto tem que ser, assim como ele, desprovido de matéria, ou seja, tem que ser uma entidade estritamente formal, algo que se encontra na mente e que é composto dos mesmos elementos que compõem a mente, o que significa que o intelecto não pensa nada fora de si mesmo. A teoria das duas maneiras de pensar é, segundo Richard Norman, a chave para a compreensão das fórmulas “pensar a si mesmo” e “pensamento de pensamento”, que levará a uma nova interpretação do Primeiro Motor e de sua natureza contemplativa.

A apreensão da forma: a igualdade entre contemplação divina e humana

No sétimo capítulo do livro Λ da *Metafísica*, Aristóteles começa seu argumento sobre a natureza de perfeição do Motor Imóvel. O filósofo diz¹³ que existe algo que se move continuamente, e que este é o movimento circular, portanto o primeiro céu deve ser eterno. Assim, para que haja o movimento eterno deve existir algo que mova sem ser movido e que sua substância seja eterna e puro ato. Este é o Motor Imóvel, que causa o movimento do universo devido a Sua Natureza de Perfeição, movendo como o objeto do amor move o amante.

A Natureza Perfeita do Primeiro Motor implica que Sua atividade contemplativa seja *hê noêsis hê kath`hautên*, isto é, deve pensar e contemplar unicamente aquilo que é bom e melhor e seu pensamento deve ser *tou kath`hauto aristou*, ou seja, pura perfeição. Quanto à natureza de contemplativa do Motor Imóvel Ross diz:¹⁴

“In order to find the connection between these two sentences, it seems necessary to suppose that when Aristotle says that the divine *noêsis hê kath`hautên* is of *to kath`hauto aristou* he means the conclusion to be draw ‘and therefore of the divine intellect itself’, which has been exhibited as primary object of desire (a27), in other words as the perfect (a35).”

Este comentário de Ross resume bem a interpretação tradicional da Natureza Contemplativa do Primeiro Motor. Como Ross sugere para que as duas frases façam sentido é

¹³ *Metafísica*, Λ , 7, 1072a 20 – 1072b 5.

¹⁴ David Ross, *Aristotle: Metaphysics*, vol. 2, p. 379.

necessário supor que Aristóteles quis dizer que a Substância Divina pensa a Si mesma. Esta passagem de Ross, como Norman sugere, pode ser resumida na “Prova Silogística”, ou seja, se A pensa B e B é A, portanto A é A. No entanto, Norman lembra¹⁵ que se Aristóteles realmente usou este procedimento lógico para afirmar que a Inteligência Divina pensa a Si mesma, então ela deveria ser o ponto mais importante de todo o argumento. Porém, a “Prova Silogística” não é o ponto mais importante da atividade contemplativa da Inteligência Divina como mostra a seguinte passagem da *Metafísica*¹⁶:

“(…) A inteligência pensa a si mesma captando-se como inteligível: de fato, ela é inteligível ao intuir e ao pensar a si mesma, de modo a coincidirem inteligência e inteligível. A inteligência é, com efeito, o que é capaz de captar o inteligível e a substância, e é em ato quando os possui. Portanto, muito mais do que aquela capacidade, o que de divino há na inteligência é essa posse; e a atividade contemplativa é o que há de mais prazeroso e mais excelente.”

Esta passagem, mostra claramente como Aristóteles concebeu a atividade contemplativa do Primeiro Motor. O filósofo mostra que em ordem de pensar, a Inteligência Divina capta o inteligível e a substância ao ponto da inteligência e do inteligível coincidirem, ou seja, a Inteligência Divina é pura forma, o que significa que o seu objeto de pensamento também tem que ser puramente formal, e ao captar o inteligível a Inteligência Divina pensa a Si mesma, pois ao pensar as formas está pensando o ato puro. Eis a importância da “teoria dos dois modos de pensar” apontada por Richard Norman no quarto capítulo do livro III do *De Anima*. Como já foi dito, na primeira maneira de pensar o intelecto recebe as formas servindo como um receptáculo para elas e na segunda maneira é atualizado pelas formas e torna-se idêntico a elas e ao pensar nas formas está, na verdade, pensando a si mesmo por ter sido atualizado pelas formas.

Este é o ponto que Richard Norman quer provar, isto é, que a natureza contemplativa da Inteligência Divina é, em geral, igual a do intelecto humano. Esta igualdade entre a Inteligência divina e o intelecto humano, segundo Norman, refuta totalmente a “Prova Silogística”, pois mostra que o Primeiro Motor ao pensar a Si mesmo, não assume uma atitude de “auto-admiração”, mas sim pensa as formas puras que apreendeu. Assim, Norman mostra que a “Prova Silogística”, na qual David Ross, assim como outros comentadores tradicionais da obra de Aristóteles se apoiaram, é, na verdade, uma má interpretação das

¹⁵ Richard Norman, *Aristotle's Philosopher-God*, In: *Articles on Aristotle 4: Psychology & Aesthetics* págs. 67-68.

¹⁶ *Metafísica*, A, 7, 1072b 20 – 25.

palavras do filósofo quando ele disse que o Primeiro Motor, pensa a Si mesmo. Como Norman mostra¹⁷ a contemplação divina não é, em geral, diferente da humana, porém para o homem a atividade contemplativa é unicamente possível por breves momentos, ou seja, o homem não pode contemplar continuamente, esta é a grande diferença entre a contemplação divina e a humana, pois Deus pode contemplar de forma contínua e contempla unicamente aquilo que é bom e melhor, ou seja, a contemplação divina, embora parecida com a humana, ocorre em um grau supremo, que é simplesmente impossível para o intelecto humano. Esta posição é confirmada por Aristóteles na *Metafísica*:

“Se, portanto, nesta feliz condição que às vezes nos encontramos, Deus se encontra perenemente, isso nos enche de maravilha; e se ele se encontra numa condição superior, é ainda mais maravilhoso. E Ele se encontra efetivamente nesta condição. E ele também é vida, por que a atividade da inteligência é vida, e Ele é, justamente, esta atividade. E sua atividade subsiste por si, é vida ótima e eterna. Dizemos, com efeito, que Deus é eterno e ótimo, de modo que a Deus pertence uma vida perenemente contínua e eterna: isto, portanto, é Deus.”

Portanto, o processo pelo qual a contemplação divina ocorre é igual ao do intelecto humano, ou seja, apreendendo o inteligível, ao passo da inteligência e do inteligível coincidirem, sendo que a diferença é que Deus, em sua perfeição, vive constantemente no estado contemplativo pensando aquilo que há de bom e melhor de forma contínua, ao passo que o homem vive neste estado apenas por breves momentos.

Pensamento de Pensamento: a verdadeira contemplação de Deus

No nono capítulo do livro Λ da *Metafísica*, Aristóteles aprofunda sua reflexão sobre a natureza pensante da Inteligência Divina¹⁸, pois se Deus não pensasse em nada, não seria Deus. Seu pensamento tem que ser puro ato, ou seja, tem que ser perfeito e contínuo. Portanto, o que a Inteligência Divina pensa? A Si mesmo? Algo diferente? Richard Norman resume esta questão da seguinte forma¹⁹: em qual dos dois modos de pensar ocorre a contemplação divina? O objeto do pensamento divino é externo ou o conceito mental que constitui Sua própria mente. Se considerarmos a primeira maneira de pensar, O Primeiro Motor teria que pensar algo fora de si mesmo e a sua essência não seria o ato, mas sim

¹⁷ Richard Norman, *Aristotle's Philosopher-God*, In: *Articles on Aristotle 4: Psychology & Aesthetics* pág. 68.

¹⁸ *Metafísica*, Λ , 9 1074b 15- 30.

¹⁹ Richard Norman, *Aristotle's Philosopher-God*, In: *Articles on Aristotle 4: Psychology & Aesthetics* pág. 70.

potência e neste caso o Primeiro Motor não seria a realidade suprema. Porém, segundo Aristóteles, o Motor Imóvel é a substância supra-sensível, eterna, perfeita e puro ato que detém a vida mais perfeita, a vida da contínua contemplação. Devido sua natureza de perfeição Deus só pode pensar aquilo que há de mais perfeito, isto é, a Si mesmo. Se Deus pensa a Si mesmo isto significa que Ele é “Pensamento de Pensamento”. Isto significa que seu objeto de pensamento é sempre o mesmo? Obviamente, por Sua natureza perfeita, o Primeiro Movente não pode pensar em coisas aleatórias e sim unicamente naquilo que é mais belo e imutável. Então, o que Aristóteles quis dizer quando afirmou que Deus “pensa a Si mesmo” e que é “Pensamento de Pensamento”? Segundo Norman, a má interpretação destas duas expressões levou à compreensão de que o Primeiro Motor pensa unicamente a Si mesmo, pois não há nada de que se iguale à sua perfeição, daí a “Prova Silogística”: Se A pensa B e B é A, então A é A. No entanto, Norman defende que a “teoria dos dois modos de pensar” refuta a “Prova Silogística” mostrando que levou à errônea concepção do Primeiro Motor como um Deus “Auto-Contemplador”. Entretanto, como a teoria dos dois modos de pensar explica a contemplação divina, mais especificamente as expressões “Pensar a Si mesmo” e “Pensamento de Pensamento”?

De acordo com Richard Norman, a diferença mais relevante quanto à teoria dos dois modos de pensar é a seguinte:

“(…) what self-intellect thinks about is determined by what conceptions it contains within itself, what potential intellect thinks is determined by what it encounters. Potential intellect can think ‘any chance thing’. Actual intellect cannot; its thinking its limited by the bounded by the limits of its own contents, and it is in this sense that it always thinks the same.”

Nesta passagem, Norman mostra claramente como a teoria dos dois modos de pensar explica a afirmação de Aristóteles que o Motor Imóvel constitui “Pensamento de Pensamento”. Ora, no intelecto humano, o primeiro modo de pensar faz com que o intelecto apreenda as formas daquilo que encontra sendo determinados por elas, ou seja, inicialmente o intelecto é potência. No segundo modo, o intelecto torna-se igual às formas que apreende, isto é, é atualizado pelas formas e quando pensa as formas, na realidade está pensando a si mesmo por ter sido atualizado pelas formas. Porém, o Primeiro Motor desconhece a potencialidade, o que significa que Ele é puro ato, ou seja, Ele não é “intelecto”, pois este detém potencialidade, mas sim puro “pensamento”. Isto significa que Deus apreende as formas sem passar pelo estágio de potencialidade, isto é, Ele apreende as formas diretamente e quando contempla estas formas está, na verdade, pensando o ato puro e sendo o próprio

Deus puro ato é correto afirmar que, ao pensar as formas, ele pensa a Si mesmo. E quanto à afirmação de Aristóteles que a atividade contemplativa do Primeiro Motor é “Pensamento de Pensamento”? Ora, Deus apreende as formas diretamente e as formas, como ato puro, são de natureza estritamente teórica, ou seja, constituem pensamento abstrato, isto significa que pensar as formas é, na verdade, pensar pensamento.

Portanto, a atividade contemplativa do Primeiro Motor, em geral, é igual à humana. A diferença é que Deus desconhece a potencialidade, isto é, ao apreender as formas a Inteligência divina não é atualizada por elas, pois Ele já é puro ato, ou seja, Deus apreende as formas diretamente e ao pensar as formas, Ele pensa o ato puro, em outras palavras, Ele pensa a Si mesmo. E sendo as formas puro pensamento abstrato, sua contemplação pelo Primeiro Motor não constitui outra coisa senão pensamento de pensamento.

Conclusões

Em sua reflexão acerca da natureza, Aristóteles se viu diante da questão da continuidade do tempo e do movimento. Obviamente, o tempo não pode ser gerado tampouco destruído, pois isto implicaria na existência de um “antes” e um “depois” do tempo, o que não faria o menor sentido, já que “antes” e “depois” não são outra coisa senão concepções de tempo, o mesmo ocorre com o movimento, pois o tempo nada mais é do que uma determinação de movimento. O filósofo percebeu que a continuidade movimento-temporal necessitava de um Princípio Primeiro, que em ordem de ser a causa de todo o movimento deveria ser Eterno, Imóvel e puro Ato. Este é o Motor Imóvel.

A este Princípio Primeiro, o Estagirita atribuiu a mais perfeita das vidas, a vida em seu sentido derradeiro, aquela que para o homem só é possível por breves momentos, a vida da contínua contemplação. Devido a Sua perfeição divina, Deus só pode contemplar aquilo que há de mais perfeito, a “Si mesmo” e seu pensamento é “pensamento de pensamento”. Estas duas expressões usadas por Aristóteles para descrever a natureza de Deus, levaram gerações de estudiosos da obra do Estagirita a conceber a atividade pensante do Primeiro Motor como uma forma de “auto-admiração” divina, pois se Deus é o que há de mais divino então nada há nada que possa se comparar à Sua perfeição, portanto Ele pensa a Si mesmo, ou seja, se A pensa B e B é A, então A é A, isto é o que a “Prova Silogística” defende. No entanto, será que a perfeição do Primeiro Motor realmente O limita a pensar unicamente a Si mesmo

constantemente sem o conhecimento de nada exterior a Ele? É isto que Richard Norman contesta com sua tese, pois se Deus é a substância mais perfeita que há por que seu pensamento seria limitado ao Seu próprio Ser? A “teoria dos dois modos de pensar” prova que não só o pensamento do Primeiro Motor não é limitado como também sua atividade contemplativa não difere tanto da humana.

É claro que por Sua divindade, Deus, como diz o próprio Aristóteles, só pode pensar aquilo que é bom e melhor, entretanto isto não implica auto-admiração e sim que o pensamento divino é puramente formal. Como mostrado nesta pesquisa o primeiro modo de pensar faz com que o intelecto humano, ao ser afetado pelos objetos de pensamento, receba as formas e é atualizado por elas, na segunda já atualizado se torna igual às formas que contempla. Entretanto, a contemplação humana, embora possa pensar as formas, não é contínua, já que o homem é limitado por sua condição material. Esta é diferença entre a natureza contemplativa de Deus e a do homem, pois a Inteligência Divina desconhece o princípio material, ou seja, o Primeiro Motor não passa pelo primeiro modo de pensar e sendo puro ato ele apreende as formas diretamente e ao pensá-las Ele pensa a pura essência. Quando Aristóteles afirmou que o Motor Imóvel “pensa a Si mesmo”, o filósofo quis dizer que Deus em sua perfeição só pode pensar o ato puro e ao fazê-lo, sendo, Ele próprio, pura essência, pensa a Si mesmo, e ao contemplar formas está, na verdade, pensando pensamento.

Em seu artigo, Richard Norman elaborou uma tese que desafiou toda uma tradição de estudiosos da obra de Aristóteles mostrando que o Primeiro Motor não é um “Narciso celestial” que admira Sua própria perfeição, mas sim um Deus que, devido a Sua perfeição, contempla apenas as formas perfeitas. Além disso, Norman mostrou que a natureza contemplativa do Primeiro Motor não difere tanto da humana, sendo que contemplação do homem, devido sua matéria, é transitória, ao passo que, a de Deus é contínua.

Ao demonstrar que a contemplação humana é próxima, mesmo que por breves momentos, à contemplação de Deus, Norman mostrou que Aristóteles ao conceber sua teoria de um Primeiro Motor Imóvel, tinha em mente a parte mais divina da alma humana, ou seja, a razão. E ao conceber a razão de Deus de forma tão similar a do homem, o filósofo não só desenvolveu uma teoria sobre o pensamento divino, mas exaltou, em primeiro lugar, a divindade do homem.

Referências

- 1- ARISTÓTELES. *Metafísica* vols. I, II, III, 2ª edição. Ensaio introdutório, tradução do texto grego, sumário e comentários de Giovanni Reale. Tradução portuguesa, Marcelo Perine. São Paulo, Edições Loyola, 2002.
- 2-ARISTÓTLES. *De Anima*. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes Reis, 1ª edição. São Paulo, Editora 34, 2006.
- 3-NORMAN, Richard. *Aristotle`s philosopher God*. In: *Articles on Aristotle: 4. Psychology & Aesthetics*. Editado por J. Barnes, M. Schofield e R. Sorabj. Londres, Duckworth, 2003.
- 4- ROSS, David. *Aristotle*. Sixth edition. New York. Routlegde, 1995.
- 5-ACKRLL, J.L. *Aristotle the philosopher*. Tenth impression. New York. Oxford University Press, 1995.
- 6- BARNES, Jonathan. *Metaphysics*. In: *The Cambridge Companion to Aristotle*. New York. Cambridge University Press. 1995.
- 7- REALE, Giovanni. *História da filosofia antiga* vol.II. 2ª edição. São Paulo. Edições Loyola. 2002.
- 8- MORA J.F. *Dicionário de filosofia*, tomos I, II, III, VI. 2ª edição. Trad. Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobral, Marcos Bagno & Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo, Edições Loyola, 2004.